

GOLPE MILITAR EM LISBOA

a nossa posição

A encerrar a edição normal do NOTÍCIA escrevi, na minha habitual secção, palavras de que me não arrependo agora. Elas estão aí, na última página, e poderão os leitores julgá-las.

Acontece, porém, não saber na altura em que as escrevi que vinte horas depois tomaria conhecimento de importantes acontecimentos em Lisboa. Comentava eu então uma crise que adivinhava, e só não soube adivinhar que poucas horas depois ela se materializaria.

Sem renegar — bem pelo contrário — o que foi escrito antes — cabe-me agora a responsabilidade de escrever durante. E por uma vez é bem fácil essa tarefa. Porque outra coisa não tenho a fazer do que repetir o que, ao longo destes últimos oito anos, tenho vindo a afirmar no NOTÍCIA. Não há cuidados especiais a ter, interesses a ponderar, hesitações ante o que os factos nos reservam. Para nós, no NOTÍCIA, tudo continúa duma cristalina limpidez... >

À hora que escrevo pouco se sabe ainda. Registou-se um golpe militar... e pouco mais. Pouco é uma chusma de telegramas, informações vagas e contraditórias, boatos de toda a ordem. Tudo junto nada de concreto. Mas uma coisa para já, inapelavelmente, é certa: em Angola temos que aguardar com serenidade, ouvir com inteligência e agir com decisão. A mesma serenidade e a mesma inteligência que alguns sempre negam quando se levanta a mais pequena nuvem, pensando que as atitudes patrioteiras, as denúncias ridículas, os socos no peito, os tornarão mais notados. Sempre recusámos o sistema e continuaremos a recusá-lo, aconteça o que acontecer.

Vamos, portanto, enfrentar os factos como gente adulta. Recusar exaltações que raramente são boas conselheiras. Aguardar com serenidade e ouvir com inteligência. Todos sabemos o que queremos: uma Angola forte, progressiva, multirracial. Uma terra que saiba aproveitar as suas potencialidades, saiba encontrar os caminhos duma justiça social, saiba corresponder aos anseios legítimos de todos os que aqui nasceram e de todos os que queiram vir ajudar a tornar mais próspera a sua terra fértil. Queremos paz, trabalho e progresso. E queremos merecê-lo pela verticalidade do nosso comportamento.

É na verdade um programa singelo o nosso. Mas de simples que é pode ser entendido por todos os que labutam em Angola até porque corresponde, afinal, às mais legítimas ambições do homem comum em todas as latitudes.

Sabendo o que queremos, estamos abertos a todo o diálogo, atentos a todos os comandos. Quem quiser o que nós queremos, está connosco e merece a nossa confiança. Quem não entender as nossas aspirações não esperará, também, que desistamos delas.

Aguardemos pois com calma e serenidade. O que não significa transigência ou demissão.

Se o que todos ganharíamos em fazer amanhã tiver que ser feito hoje, pois que o seja feito com fé, firmeza e todo o sacrifício que exigir. Se nos for antes dado o tempo de arrumar a casa, pois ainda melhor. Todos teríamos a ganhar por ver tornar sólidos laços familiares que os séculos asseguram e os homens só destruiriam por loucura.

Estou seguro que saberemos todos em Angola dar um alto exemplo de calma e confiança. Os momentos difíceis agora vividos servirão, pelo menos, para mostrar a todos os portugueses que é chegado o tempo de saber preparar o seu futuro e que a recusa do diálogo, do pensamento, da ampla reflexão nunca foi forma de enfrentar os problemas dum país.

Ao longo destes últimos oito anos tem sido sempre esta a posição de NOTÍCIA. Por isso pensamos ter ganho o direito para pedir a todos os Homens de Angola a calma que o momento exige.

O futuro de Angola continua nas nossas mãos. Se assim o entendermos, nada nos fará medo. E podemos esperar com calma que nos garantam promessas a que fizemos juz. Oicamos o que têm para nos dizer e talvez tenhamos a grata surpresa (ou não tanto...) de verificar que coincide com o que desejamos.

Ninguém esquecerá, estamos certos, que somos muitos em Angola e todos decididos. Ninguém esquecerá, estamos certos — sincera e justificadamente certos — que se não podem tomar decisões sobre Angola sem o apoio dos que aqui labutam.

Fortes e serenos, aguardamos. Prontos a colaborar com quem colabore connosco. Prontos a fazer verdadeiro o slogan de que Angola é imparável.

João Fernandes